

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	CÓDIGO DA FICHA					
	RJ	02	01	04	FC	03
	UF	BEM	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

BEM INVENTARIADO	Jongo
LOCALIDADES	Morro da Serrinha
MUNICÍPIO / UF	Rio de Janeiro/ RJ

2. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO EM CAMPO (ENTREVISTAS GRAVADAS, VÍDEOS, QUESTIONÁRIOS...)

GRAVAÇÕES SONORAS E VISUAIS	Maria Joana Monteiro. 19 CDs gravados (copiados) a partir de 19 fitas cassetes matrizes cedidas pela pesquisadora Edir Gandra. Ótimo estado de conservação. Alguns problemas sonoros da gravação original. Entrevista feita em 11 de janeiro de 1986.	Faleceu em fevereiro de 1986
QUESTIONÁRIOS	RJ_02_01_04_Q40_001.	

3. DESCRIÇÃO DO BEM EM SEU CONTEXTO

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	01	04	FC	03
------------------------------------	----	----	----	----	----	----

No morro da Serrinha, constituiu-se um círculo de praticantes do jongo, nas primeiras décadas do século XX, em torno de Maria Joana Monteiro, que migrara de Valença para a cidade do Rio de Janeiro. Provavelmente, o lugar foi propício à continuidade da prática do jongo em virtude da presença de outros conhecedores dessa tradição nas cercanias da Serrinha e em outros morros cariocas. Os jongueiros de localidades distintas, na Cidade do Rio, visitavam-se por ocasião das “rodas de jongo” que um ou outro “dava” (i.e., organizava, promovia).

Maria Joana Monteiro foi “dona do jongo” da Serrinha, mãe-de-santo do Centro Cabana de Xangô e membro do grupo de Jongo da Serrinha.

Maria Joana ensinou o jongo para muitas pessoas no Morro da Serrinha. Na época da entrevista realizada pela pesquisadora Edir Gandra, não ensinava mais. Vovó diz que ensinou para mais de 300 crianças e que turmas de colégios iam aprender jongo em sua casa. Todos os que dançam jongo por ali aprenderam com ela ou com seus filhos Eva e Darcy. Porém, depois que surgiu a Império do Futuro (escola de samba infantil ligada ao Império Serrano), as crianças foram chamadas para participar e Vovó parou de ensinar o jongo.

Aos 27 anos, Vovó Maria Joana começou a desenvolver sua mediunidade na umbanda e logo se tornou “mãe pequena”. Em seguida tornou-se “mãe-de-santo” de um Centro em Madureira, na Rua Domingos Nobre, cujo dono, Seu Joãozinho, acabou falecendo. Depois Vovó foi para um Centro em Urucutu, no qual foi ‘babá’ durante 8 anos. Quando se tornou viúva, Maria Joana começou com seu próprio “barracão”, instalado em sua casa: “aqui fiz as minhas devoção e tenho muitas filha de santo (...) e tenho já filha de santo pronta, pra trabalhá, uma já tem terrero, né?” Vovó recebe o Caboclo Mata Virgem e trabalha para o Pai Antônio D’Angola (entidade), para quem ela ofereceu o tambor. Vovó, à época da entrevista, dedicava todo o seu tempo ao Centro Cabana de Xangô.

Aos 45 anos, Vovó ficou viúva de seu primeiro marido, Pedro Francisco Monteiro, que era jongueiro. Casou-se com um alemão, Frederico Kemper, com quem viveu durante 7 anos, até enviuvar novamente, em 1962 aproximadamente. Seu segundo marido era muito ciumento, não gostava que ela ficasse no centro de umbanda e a censurava no samba. Por causa disso, Vovó deixou de oferecer jongo durante o período em que esteve casada com Frederico Kemper. No entanto, o alemão gostava de jongo e eles freqüentavam os jongs promovidos por outras pessoas. Frederico não sabia cantar nem dançar: “nem dança uma dança qualquer ele num tinha jeito não”.

À época da entrevista era a “dona do jongo” da Serrinha, isto é, a responsável pela realização da roda e guardiã dos tambores. Dançava e cantava pontos. Conhecedora das tradições mágicas associadas ao jongo, denominadas “mironga”, “candonga”, “mandrake”, “reza brava” ou “feitiçaria”. Mãe do famoso jongueiro e músico profissional Darcy Monteiro (v. FC2, número 2).

"Gosto de cantá e gosto de dançá, mas num sei batê. Eu bato assim, né? Quando tô tocando, bato com a bengala, bato no tambor, compassado, não é? Mas o tambor eu num sei batê. Já os meus neto tudo bate o tambor."

Maria Joanna foi, de acordo com seu relato, a reanimadora da prática do jongo no morro da Serrinha, em Madureira:

“...o jongo tinha morrido, ninguém lembrava mais do jongo e eu é que peguei a cantá o jongo, eu e o Darcy”. No seu aniversário, Vovó fazia o jongo num terreno da Serrinha, mandava capinar e o pessoal ia dançar o jongo ali. Dessa forma, Vovó disse que passou a ser a dona do jongo.

Vovó Maria Joana aprendeu a dançar jongo ainda criança, na fazenda onde ela nasceu, em Valença. Seus pais, avós e demais parentes dançavam jongo. Desde pequena ela queria dançar, mas ainda não podia porque não tinha idade. Sua madrinha, que era a dona da fazenda, costumava fazer suas vontades e deu a ela sua primeira saia de jongo, de xadrez vermelho e branco, quando ela tinha 6 ou 7 anos. Ela mesma fez um crochê na barra da saia. Maria Joana dormia cedo e de madrugada sua madrinha a chamava e seu pai ia buscá-la para o jongo: "Ih! Eu dançava o jongo, eu ficava... toda prosa!"

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	01	04	FC	03
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

4. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Letícia Martins Dias				
SUPERVISOR	Elizabeth Travassos				
PREENCHIDO POR	Letícia Dias / Elizabeth Travassos				DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Letícia Vianna				19/04/2004